

DESIGUALDADE DE OPORTUNIDADES: OS REFLEXOS DA SEGREGAÇÃO SOCIOESPACIAL NA CIDADE DO NATAL

INEQUALITY OF OPPORTUNITIES: THE REFLECTIONS OF SOCIO-SPATIAL SEGREGATION IN THE CITY OF NATAL.

Pedro Italo dos Santos Galvão¹

RESUMO

O presente artigo parte da ideia de que a acessibilidade desigual aos bens e serviços ocasiona a segregação socioespacial, fruto da seletividade de atores hegemônicos. Dessa maneira, pretende-se com este trabalho analisar a desigualdade de oportunidades presentes em Natal, Rio Grande do Norte, RN. Para tanto, utiliza-se a abordagem teórica desenvolvida por Ruben Kaztman (1999, 2002, 2005). As oportunidades de acesso a bens, serviços ou atividades que incidem sobre o bem-estar dos domicílios e outros. Os objetivos específicos deste estudo delimita a cidade do Natal com o intuito de contextualizar com as estruturas espaciais do fenômeno da segregação socioespacial. A abordagem metodológica não está apenas fundamentada nas revisões bibliográficas de Kaztman, mas também nas ideias de RIBEIRO (2001, 2002, 2004, 2009) e PRETECEILLE (2004) e no Índice de Qualidade de Vida do Natal (IQVN), no qual através deste índice, foi possível dividir a cidade em grupos homogêneos, indicando onde as melhores e piores condições de vida ocorrem. Estes resultados são relevantes, em um processo de planejamento que visa diminuir os grandes contrastes sociais, dentro do limite urbano.

PALAVRAS-CHAVE: Desigualdade de oportunidades; Segregação; Direito à Cidade; Direitos Sociais;

ABSTRACT

This paper starts from the idea that unequal access to goods and services causes to socio-spatial segregation, the result of selectivity of hegemonic actors. Thus, the aim of this work to analyze the inequality of opportunities present in Natal, RN. For this, it is used the theoretical approach developed by Ruben Kaztman (1999, 2002, 2005). Opportunities for access to goods, services or activities which affect the welfare of domiciles and others. The specific goals of this study delimits "the city of Natal" in order to contextualize the spatial structures with the phenomenon of socio-spatial segregation. The methodological approach is not only based on literature reviews of Kaztman but also in ideas RIBEIRO (2001, 2002, 2004, 2009) and PRETECEILLE (2004) and the Index of Quality of Life of Natal (IQVN), by which through of this index, it was possible to divide the city into homogeneous groups, indicating where the best and worst living conditions occur. These results are extremely important in a planning process that aims to reduce the great social contrasts within the urban boundary.

KEYWORDS: *Inequality of opportunities; Segregation; Right to the city; Social Rights;*

¹Advogado. Pós-graduado em Direito Imobiliário, UNP. Mestrando em Estudos Urbanos e Regionais, Departamento de Políticas Públicas, UFRN, Brasil. Secretário-Geral do Instituto do Terceiro Milênio (ITEM) em Natal/RN.

INTRODUÇÃO

O presente trabalho advoga a ideia de que a cidade do Natal oferece diferentes estruturas de população com níveis de desenvolvimento distintos. O que provoca fenômenos sociais diferentes em face das desigualdades de oportunidades, uma vez que não basta à igualdade de resultado como solução dos problemas urbanos e sim aquela em que há pleno acesso aos bens e serviços básicos importantes ao desenvolvimento de cada ser humano. Estas limitações do exercício da cidadania recriam formas de viver e sobreviver nas cidades.

O referido processo de segregação está voltado para o direito à cidade e o poder público como mediador na produção do espaço urbano. Mas quem não tem direito à cidade? As favelas, periferias, limitando o acesso a cidade legal, formal, regular, ocorrendo através dos atores hegemônicos que estigmatizam o acesso à habitação, à alimentação, ao trabalho, à saúde, à justiça e à liberdade.

Percebe-se, dessa maneira, conforme RIBEIRO (2009, p.18) que:

“[...] o padrão de organização espacial vigente nos grandes espaços urbanos brasileiros caracteriza-se pela distância social e, em alguns casos, proximidade física entre as classes de alta renda e os vários segmentos da “baixa classe média” e os segmentos das classes operárias”.

Desta feita, o trabalho está disposto em três partes: na primeira aponta-se uma revisão literária das desigualdades de oportunidades na visão de Ruben Kaztman (1999), na segunda parte serão abordadas noções da segregação socioespacial na visão de RIBEIRO (2001, 2002, 2004, 2009) e PRETECEILLE (2004) e na terceira parte, serão levantadas algumas considerações sobre os resultados do trabalho a partir do Índice de Qualidade de Vida de Natal (IQVN) com o qual foi possível dividir a cidade em grupos homogêneos, indicando onde as melhores e piores condições de vida ocorrem. Estes resultados são de suma importância em um processo de planejamento que visa diminuir os grandes contrastes sociais intraurbanos na cidade do Natal/RN.

1 – DESIGUALDADE NAS ESTRUTURAS DE OPORTUNIDADES

O crescimento populacional no Rio Grande do Norte, segundo o IBGE (2000), em Natal tem apresentado uma significativa evolução entre 2000 e 2010, cuja população teve uma taxa média de crescimento anual de 1,24%. Na década anterior, de 1991 a 2000, a taxa média de crescimento anual foi de 1,77%. (ATLAS DE DESENVOLVIMENTO HUMANO, 2013), conforme tabela abaixo:

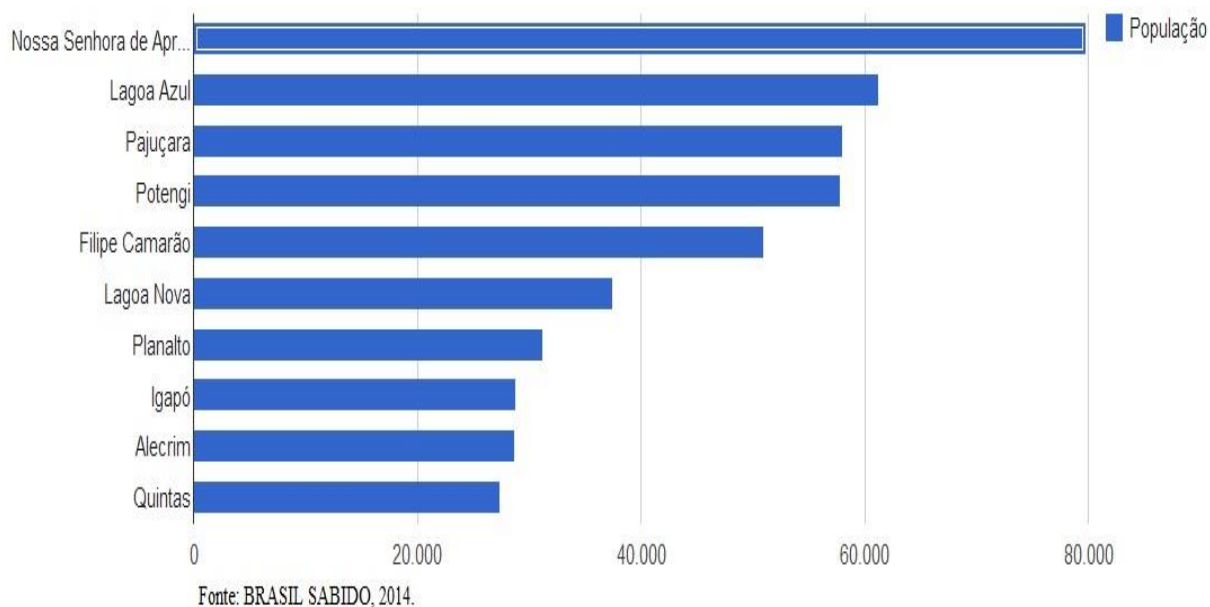
Tabela 01 – Crescimento populacional em Natal entre 2000 e 2010

| População Total, por Gênero, Rural/Úrbana e Taxa de Urbanização - Natal – RN | | | | | | |
|---|-------------------------|--------------------------|-------------------------|--------------------------|-------------------------|--------------------------|
| População | População (1991) | % do Total (1991) | População (2000) | % do Total (2000) | População (2010) | % do Total (2010) |
| População total | 606.757 | 100,00 | 710.669 | 100,00 | 803.739 | 100,00 |
| População residente masculina | 282.444 | 46,55 | 333.529 | 46,93 | 377.947 | 47,02 |
| População residente feminina | 324.313 | 53,45 | 377.141 | 53,07 | 425.792 | 52,98 |
| População urbana | 606.315 | 99,93 | 710.669 | 100,00 | 803.739 | 100,00 |
| População rural | 443 | 0,07 | 0 | 0,00 | 0 | 0,00 |
| Taxa de Urbanização | - | 99,93 | - | 100,00 | - | 100,00 |

Fonte: Pnud, Ipea e FJP.

Das regiões administrativas que integram a capital potiguar, a título de exemplo, a zona norte é a maior e a mais populosa. Se fosse desmembrada, desbancaria o município de Mossoró do título de segunda maior cidade do estado, devido ao enorme contingente populacional que apresenta. Atualmente, o número de habitantes da área é estimado em 244.743 habitantes, distribuídos pelos sete bairros que a compõe: Lagoa Azul, Pajuçara, Potengi, Nossa Senhora da Apresentação, Redinha, Igapó e Salinas. (IBGE, 2000).

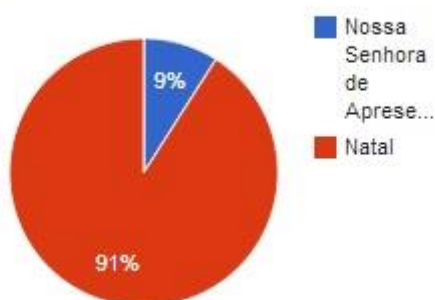
Gráfico 01: Natal - Maiores bairros,



O território, situado na margem esquerda do Rio Potengi, equivale a 1/3 da área total do município, concentra 40% da população total e abriga 33,59% dos domicílios da cidade (SILVA, 2003). No espaço compreendido entre 1980 e 2000, a população da zona norte cresceu 500 %, ou seja, foi multiplicada por cinco durante o período. Localizam-se nessa zona, os três bairros mais populosos da cidade: Nossa Senhora da Apresentação, Potengi e Lagoa Azul, sendo este último também, o mais extenso, com uma superfície de 1300 hectares.

Conforme o Censo de 2010 (IBGE) a população de Nossa Senhora de Apresentação na cidade Natal - RN é de 79.759 habitantes, o que representa 9% da cidade do Natal, consoante figura abaixo:

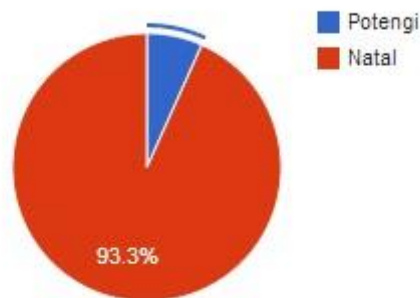
Gráfico 02 - População de Sra. da Apresentação x Natal



Fonte: BRASIL SABIDO, 2014.

Por sua vez, a população do Bairro Potengi na cidade Natal - RN é de 57.848 habitantes que representa cerca de 7,20% de Natal. (BRASIL SABIDO, 2014).

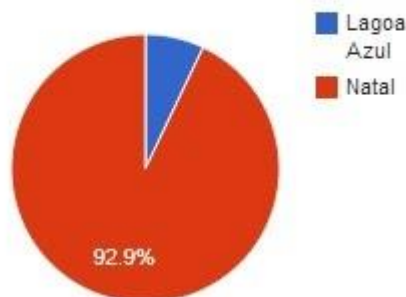
Gráfico 03 - População Bairro Potengi x Natal



Fonte: BRASIL SABIDO, 2014.

O terceiro mais populoso dos bairros que integram a Zona Norte de Natal é Lagoa Azul com 61.289 habitantes. (BRASIL SABIDO, 2014)

Gráfico 04 - População Lagoa Azul x Natal



Fonte: BRASIL SABIDO, 2014.

Os problemas que essa explosão demográfica trouxe para a região são enormes. A infraestrutura na grande maioria das localidades é nitidamente deficitária, os problemas multiplicam-se pelos bairros, sobretudo naqueles onde o processo predatório de ocupação, ainda é bastante acentuado e as ações empreendidas pelo poder público estão muito aquém das reais necessidades da população.

A ocupação desses espaços e a consequente transformação dos mesmos em ambientes subnormais são fruto de uma ocupação que acontece de forma não planejada em decorrência da ineficácia das políticas públicas.

Nesse diapasão, Kaztman (1999, p.1) afirma que a “[...] crescente desvinculação do salário com relação às instituições de proteção social relacionadas a um aumento do emprego informal, ao ajuste fiscal do Estado e a seus impactos sobre o emprego e as políticas sociais”, ou seja, essas limitações provocam um crescimento do mal-estar social com a globalização e geraria uma lista de causas do mal-estar latino-americano que em face das multiplicidades de indicadores que permitem constatar sua relevância e vincular seus efeitos às vicissitudes da desigualdade e da vulnerabilidade, à pobreza e exclusão social.

Dessa forma, esta dimensão espacial do território no dizer de Kaztman afeta a condição de vida dos indivíduos e sua vizinhança o que poderia gerar uma falta de interação com a sociedade. Kaztman (1999) denomina essa falta de interação de estrutura de oportunidade ou estrutura de vulnerabilidade, não tendo o indivíduo acesso aos ativos que proporcionam uma ascensão social.

Kaztman compreende que os ativos é um conjunto articulado de condições sociais que irão implicar a qualidade, quantidade e diversidade dos recursos internos, isto é, características básicas do indivíduo, o que autor chama esses ativos de estrutura de oportunidades. Quando os recursos dos domicílios são insuficientes para aproveitar oportunidades de acesso ao bem-estar, fala-se de vulnerabilidade ante a pobreza ou ante a exclusão social.

Em outras palavras, o indivíduo tem um acesso desigual a bens e serviços públicos e a elementos geradores de mobilidade social, como por exemplo: emprego, educação e saúde, etc, estando também submetido, cada qual de maneira diferente, a agravantes de diversas naturezas. Dependendo do grau de segregação que possuem no espaço em que estão inseridos as oportunidades educacionais, conseqüentemente, se tornam mais distantes.

Aduz Kaztman (1999, p.73):

“As funções das estruturas de oportunidades podem ser classificadas em dois grandes grupos: as que provêm novos ativos ou regeneram aqueles esgotados e as que facilitam um uso mais eficiente dos recursos já disponíveis nos domicílios. Um exemplo da primeira categoria de funções é a provisão de oportunidades de educação e saúde gratuitas pelo Estado. Um exemplo da segunda categoria de funções é a provisão de serviços de creches, porque a utilização desses serviços libera recursos humanos do domicílio que podem ser investidos em atividades geradoras de renda. Resultados similares são produzidos quando, por exemplo, melhora-se a infraestrutura viária de uma localidade, a infraestrutura de subsistência (gás, água potável, eletricidade, telefones etc), ou a rede de transportes. Tudo isso incide diretamente nos

domicílios, elevando o bem-estar, e também indiretamente, ao criar condições favoráveis tanto para um aumento da disponibilidade de sua força de trabalho como para sua utilização mais eficiente.”

As desigualdades de oportunidades estão ligadas aos lugares vulneráveis entendendo-se estes como os indivíduos que enfrentam riscos e a impossibilidade de acesso a condições habitacionais, sanitárias, educacionais, lazer e trabalho e de participação e acesso diferencial a informação e as oportunidades.

Assim, a vulnerabilidade é o estado que melhor expressa o sentimento do ponto mais baixo da escala social, uma massa que precisa esforçar-se enormemente para ir à procura de melhores condições de vida. Os limitados ativos de diversas famílias estão organizados para darem resposta à sobrevivência diária. Embora enfrentando as pressões, há pouca margem para, objetivamente, acumular ativos que poderiam reduzir sua vulnerabilidade.

Nas palavras de Kaztman (1999, p.27), vulnerabilidade seria “ [...] a pobreza ou exclusão social às situações que surgem quando as configurações de recursos que controlam e podem movimentar os domicílios que não são suficientes para aproveitar as estruturas de oportunidades de acesso ao bem estar”. Dessa maneira, as estruturas de oportunidades acessadas pelas famílias carentes operam como fonte primordial de quebra da vulnerabilidade social.

Oportunizar determinados ativos é, acima de tudo, promover qualidade de vida aos cidadãos, um bem essencial que atenda as necessidades locais do indivíduo ou comunidade, isto é, imprescindível, tais como saúde, segurança contra a violência urbana, entre outros.

O fato de a análise focar os ativos e não os passivos das pessoas ou famílias ressalta Kaztman:

“a presença de um conjunto de atributos que se considera necessários para um aproveitamento efetivo da estrutura de oportunidades existentes, pondo assim ênfase na dinâmica de formação de diversos tipos de capital potencialmente mobilizável e nas relações entre os mesmos, assim como nos processos de perda, desgaste ou fatores limitantes que impedem o acesso às fontes de reposição e acumulação de ativos” (KATZMAN, 2000, p.3).

No pensamento de Kaztman, o território não é neutro, e nem expressa somente a desigualdade. O lugar de origem e de moradia muitas vezes explicita a vulnerabilidade e reproduz a desigualdade. A concentração dos pobres em determinados bairros da cidade, onde

se concentram uma densidade de privação material, contrasta com a concentração espacial da população mais abastada em outros bairros. (KAZTMAN, 2001, p. 5-7).

Com esse raciocínio, Kaztman (1990) acentua a importância do Estado, do mercado e da comunidade que são consideradas necessárias para que se participe ativamente da vida em sociedade, contribuindo para o bem-estar.

Diante dessas premissas, tomando como base noções de quais ativos impactam na qualidade de vida dos cidadãos, importante contextualizarem com as estruturas espaciais do fenômeno da segregação socioespacial, conforme a seguir.

2 – SEGREGAÇÕES SOCIOESPACIAIS

A ideia de segregação admite diversificados conceitos, mas os conceitos poderiam ter conteúdos diferentes, de acordo com formações socioespaciais diferentes e contextos diversos? A pesquisa em questão trabalha com a hipótese de que é possível tratar das especificidades da segregação, segundo os componentes de cada realidade socioespacial. Assim, ainda que ocorra formações socioespaciais distintas e os conteúdo mude com o tempo, de outro lado, não seria admissível a negação dos princípios que fundamentam, sua origem e proposição. Os conceitos podem e devem ser atualizados, o que admitiria uma reconceitualização.

Ribeiro (2002), por sua vez, chama a atenção para o fato de que a segregação é a institucionalização da inferioridade espacial e desclassificação e da imobilidade social dos seus habitantes. Assim, a fragmentação social e espacial produzida pela segregação depende dos valores sociais e políticos que prevalecem em cada sociedade e em cada momento histórico.

Na cidade de Roma, havia a presença de divisões sociais, suas origens históricas também registram que a segregação urbana percorre desde a antiguidade, assim, a sociedade já conhecia formas urbanas de segregação socioespacial em sua origem.

De tal modo, atribui-se a diversificados fenômenos o conceito de segregação, como por exemplo, o aumento significativo da desigualdade social relacionado às transformações nas organizações do trabalho, o que geraria outro fenômeno, a exclusão social.

Edmond Préteceille (2004), ao tratar os modelos de segregação, tendo como base a Escola de Chicago, onde discute que estes modelos estariam revestidos de um paradigma da cidade global, gerando uma dualidade nos estudos da segregação, vez que cada cidade possui características próprias que são inerentes, o que para o autor não seria admissível uma padronização da segregação.

Dessa forma, Préteceille se questiona, quais categorias sociais utilizar? Quais recortes dos espaços urbanos? Quais métodos estatísticos?

Nesse primeiro questionamento, o autor enfatiza as segregações raciais ao mencionar os Estados Unidos, ao passo que na França as pesquisas voltam-se em face das diferenças socioeconômicas. Os estudos brasileiros estão centrados em sua maioria nas classes sociais. O segundo ponto, Préteceille, aborda que se deve trabalhar no conjunto e unidades espaciais essenciais para comparar.

Quando autor trata do melhor método para utilizar nas pesquisas da segregação, este afirma que os índices globais de dissimilaridade com as unidades espaciais e o índice de segregação que compara a distribuição de uma categoria em relação ao restante da população, seriam essenciais para o segundo ponto.

Para Kaztman (2001), a segregação socioespacial seria isolamento social, conjugado da própria segregação, isto é, a instabilidade do mercado de trabalho e precariedade e a segmentação de serviços, ou seja, a falta de serviços básicos a população espacialmente diferenciadas.

Em outras palavras, poderíamos dizer que os efeitos da globalização, mencionem-se o fator desemprego e renda, resulta na elevação das desigualdades sociais. Percebemos a partir de então, que o social é fruto das desigualdades espaciais, vez que conforme analisamos nas leituras anteriores a segregação em linhas gerais trata-se das diferentes classes sociais que tendem a se localizar em conjuntos diferentes.

Kaztman (2008, p.18) não considera que *“las interpretaciones que tienden... a concebir las diferencias en los perfiles de empleo desde una casualidad que opera desde el territorio”* opor aqueles que favorecem características individuais. Para ele *“es la mirada que toma en cuenta ambas direcciones causales la que permite dibujar un escenario en el que los efectos de los barrios que concentran las personas de menor calificación realimentan un circuito de debilitamiento progresivo de los vínculos de los residentes con el mercado*

laboral, circuito que...se activa a partir de las condiciones laborales que dieron origen a la decisión de instalarse en esos barrios”.

Portanto, de acordo com esta abordagem, o lugar onde se vive pode trazer vantagens ou não na medida em que vai permitir uma maior facilidade ou dificuldade para acessar um conjunto de bens essenciais que permitem a reprodução social das famílias e, portanto, reduzindo a sua vulnerabilidade.

Como se observa estas abordagens apresentadas têm elementos claros, uma vez que surgem, pelo menos, uma questão importante para explicar os diferentes comportamentos de acordo com o local de residência das pessoas: a influência das redes sociais existentes nos bairros ou comunidade local.

Desta feita, a desigual distribuição espacial das classes sociais tem como consequência as diferenças sociais e, a partir do momento que esta distância social acumula uma significativa expressão espacial através da estruturação do espaço urbano gera a segregação socioespacial.

3 – ANÁLISE SOCIOESPACIAL INTRAURBANA DA QUALIDADE DE VIDA DE NATAL/RN

A análise documental a seguir parte-se de um estudo denominado Mapeando a Qualidade de Vida em Natal realizado pela Secretaria Municipal de Planejamento e Gestão Estratégica (SEMPLA), através do Setor de Estatística e Informações (BARROSO, 2003).

Este estudo tem como objetivo principal mapear a qualidade de vida da população distribuída nos 36 bairros de Natal de acordo com o Índice de Qualidade de Vida-IQV, desenvolvido a partir de indicadores que contemplam três dimensões: renda, educação e a dimensão ambiental. Partindo dos indicadores selecionados, a autora classifica e agrupa os bairros em três níveis de qualidade de vida: alto, médio e baixo; localizando as maiores carências existentes na cidade, conforme tabela abaixo:

Tabela 02 – Classificação e agrupamento dos níveis de qualidade de vida em Natal

| | | |
|-------------------------|---|--|
| <p>Grupo I</p> | <p>Nível alto de qualidade de vida</p> | <p>IQV variando de 0,7 a 1,0 Formado pelos bairros que possuem os maiores índices de qualidade de vida, caracterizados pelos maiores rendimentos dos chefes de domicílios, pelas melhores condições de saneamento básico e pelos melhores níveis de escolaridade;</p> |
| <p>Grupo II</p> | <p>Nível médio de qualidade de vida</p> | <p>IQV variando de 0,5 a 0,69 Formado pelos bairros com níveis médios de qualidade de vida;</p> |
| <p>Grupo III</p> | <p>Nível baixo de qualidade de vida</p> | <p>IQV variando de 0 a 0,49 Caracterizado pelos bairros que possuem as piores condições de qualidade de vida, os mais baixos rendimentos dos chefes de domicílios, as piores condições de saneamento básico e os piores níveis de escolaridade.</p> |

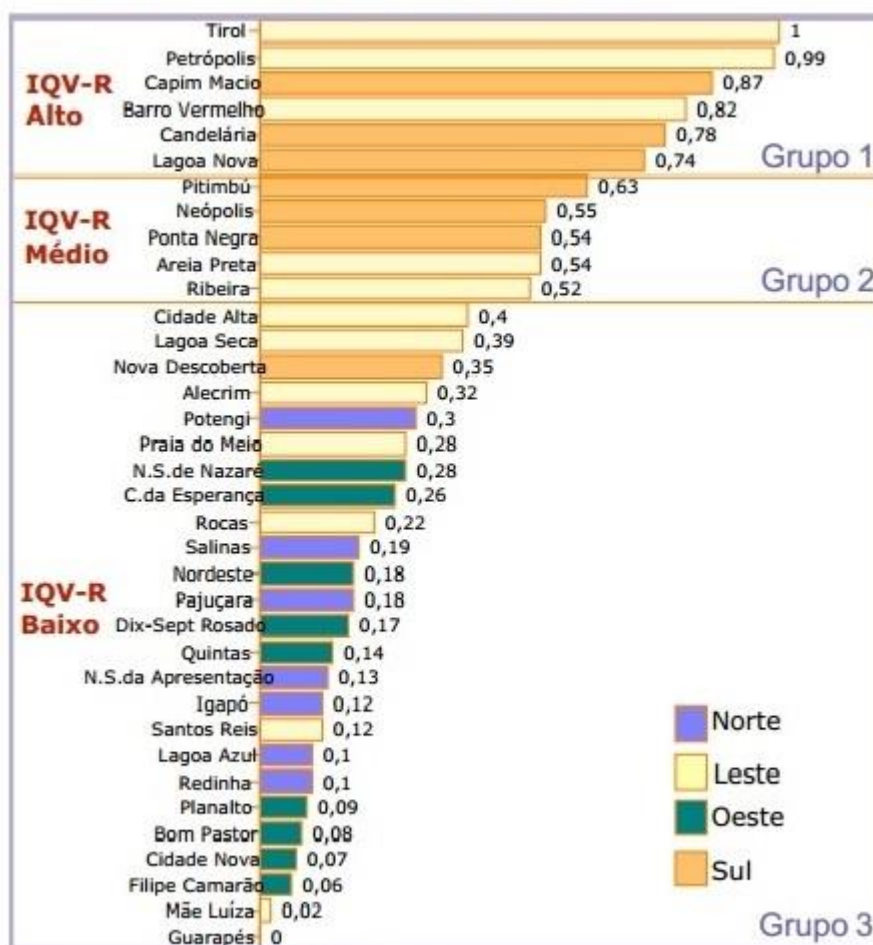
Fonte: Elaborado pelo autor.

A seleção dos indicadores teve como base um trabalho realizado pelo Instituto PÓLIS (Instituto de Estudos, Formação e Assessoria em Políticas Sociais) - Medindo a Qualidade de Vida - e na metodologia para a construção do índice IQV utilizou-se como referência a mesma do cálculo do IDH (Índice de Desenvolvimento Humano), usado pelo Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento (PNUD), tendo como informações

básicas utilizadas no cálculo dos indicadores foram coletadas do IBGE - censo 2000. (BARROSO, 2003).

Na temática renda, o índice de qualidade de vida apurou em uma significativa diferenciação socioespacial, onde a maioria dos Bairros da Zona Sul e Leste se sobrepõem aos Bairros da Zona Norte e Oeste, isto é, nos primeiros há uma maior predominância de concentração de renda dos chefes de família.

Gráfico 05 - Índice de Qualidade de Vida - Renda

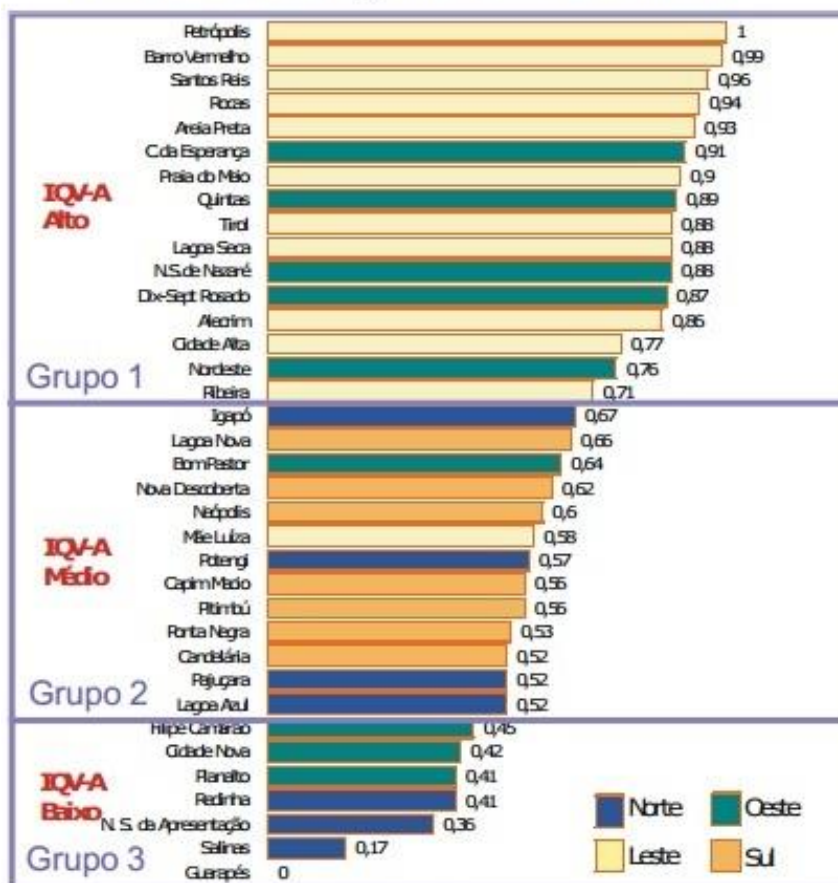


Fonte: BARROSO, 2003.

A partir do gráfico, a seguir, é possível vislumbrar a distribuição espacial na região administrativa de Natal, no que tange ao índice de qualidade vida em sua dimensão ambiental com o tema, abastecimento de água, coleta de lixo e esgotamento sanitário, verifica-se que os bairros da zona leste, tais como, Petrópolis, Barro Vermelho, Santos Reis, Rocas, Areia Preta, Praia do Meio, Tirol, Lagoa Seca, Alecrim, Cidade Alta e Ribeira e enquanto a região oeste os

bairros da Cidade da Esperança, Quintas, Nossa Sra. de Nazaré, Dix-sept Rosado e Nordeste, estão com índice alto de qualidade de vida, em contraste ao bairros citados no grupo 3 que com nível baixo nesta dimensão. Todavia, perceptível que a maioria dos bairros encontram-se entre classificação média a alta.

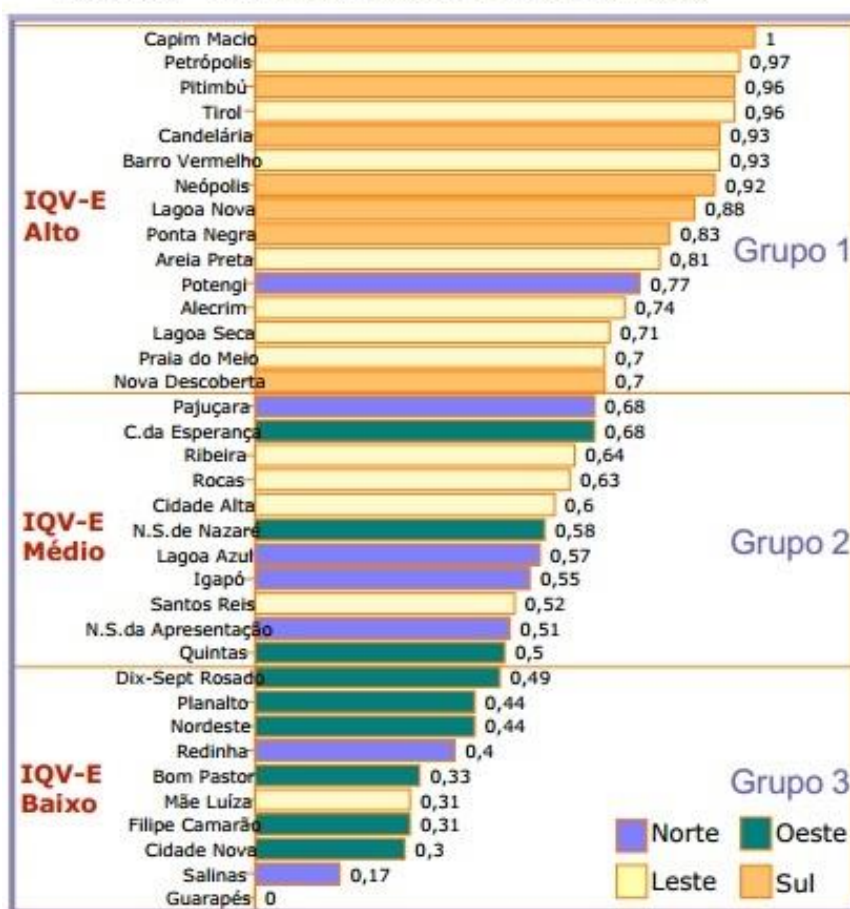
Gráfico 05 - Índice de Qualidade de Vida - Ambiental



Fonte: BARROSO, 2003.

Sob outro aspecto o estudo no índice de qualidade de vida em educação aponta que todos os bairros da região sul foram classificados como índice alto, diferente da zona leste com apenas Pretópolis, Tirol, Barro Vermelho, Areia Preta, Alecrim, Lagoa Seca e Praia do Meio. O Bairro Potengi foi o único da região norte classificado como índice alto, o que revela mesmo com um índice qualidade de vida baixo no que tange a renda e dimensão ambiente, este bairro possui um bom desempenho de escolaridade, conforme gráfico abaixo:

Gráfico 07 - Índice de Qualidade de Vida - Educação



Fonte: BARROSO, 2003.

4 - CONSIDERAÇÕES FINAIS

No decorrer deste artigo eu procurei alguns elementos para demonstrar que a segregação socioespacial tem múltiplas formas de dinâmicas de produção do espaço urbano, de valores que a orientam, das praticas sociais que a revelam e a redefinem, bem como os fenômenos sociais que sobre ela influenciam, dependendo da realidade socioeconômica, política e cultural de cada país.

As diferenciações e diversificações do direito a cidade, limitando acesso ao aos direitos básicos dos cidadãos, consumo de bens e serviços a segregação socioespacial assume assim o papel de reprodutora das desigualdades 'no que respeita à distribuição do poder social na sociedade, entendido este como a capacidade diferenciada dos grupos e classes em desencadear ações que lhes permitam disputar os recursos urbanos. Essa capacidade deriva da

intensidade e do modo como a concentração espacial conduz à sociabilidade indutora da construção de comunidades de interesses. (RIBEIRO, 2004).

Da segregação socioespacial surgem resultados de diferentes formas: educação, saúde, infraestrutura de equipamentos e serviços públicos, nos espaços públicos e privados, na residência, nos estabelecimentos de territórios por diferentes grupos sociais e de minorias no cotidiano das cidades, para Kaztman (2001), a segregação socioespacial seria “isolamento social”.

Com tudo isso, nota-se, ainda, a redução da qualidade de vida da população no que tange aos direitos básicos, conforme mencionado no paragrafo anterior, isto é, reduz as oportunidades de trabalho e aumenta a vulnerabilidade social, neste sentido, a segregação espacial pode conduzir à exclusão e desigualdade social.

Neste raciocínio, verificamos as diferenciações socioespaciais presentes na malha urbana da capital potiguar, ainda que limitado as suas dimensões de renda, ambiental e educação. Esses resultados mostram uma grande desigualdade no acesso as condições de vida no nível intraurbano e quais áreas cidade do Natal deve ser priorizada para um melhor planejamento urbano da cidade.

De fato, entender os fenômenos e desenvolvimentos sociais nas relações do mercado, o Estado e à sociedade, é complexo. Por um lado, conjuntos habitacionais e/ou ocupações, cortiços e favelas e em outras comunidades, grandes e luxuosas fechados (horizontais ou verticais) e a gentrificação de determinadas áreas da cidade são expressões aparentemente contraditórias de estrutura urbana, mas na verdade, como se lembra Bourdieu (2003), são a realização da estratificação social existente em nossa sociedade.

REFERÊNCIAS

BARROSO, Arimá Viana. **Mapeando a qualidade de vida em Natal**. Secretaria Municipal de Planejamento e Gestão Estratégica – SEMPLA. Departamento de Estudos e Pesquisas. Setor de Estatística e Informações. Natal, 2003.

BOURDIEU, P., “Efeitos de lugar”, **A miséria do mundo**, Ríó de Janeiro, Vozes, 2003.

BRASIL SABIDO. **Maiores bairros**, Natal, RN, segundo Dados do Censo 2010. Disponível em: < <http://www.brasilsabido.com.br/populacao/natal-rn-4485.html>>. Acesso em: 24 Julho de 2014.

BRASIL SABIDO. **População dos Bairros segundo Dados do Censo 2010**. Disponível em: <<http://www.brasilsabido.com.br/populacao-bairros.html>>. Acesso em: 24 julho de 2014.

IBGE. **Censo Demográfico 2010**.

KATZMAN, Ruben. **Seducidos y abandonados**: el aislamiento de los pobres urbanos. Revista de CEPAL N.75 de diciembre de 2001.

KATZMAN, Ruben, “**Territorio y empleo: circuitos de realimentación de las desigualdades en Montevideo**”, documento presentado en el seminario “Urban Segregation and Labor in the Americas”, University of Texas at Austin. 2008.

KATZMAN, Rubén. (coord.). **Activos y estructura de oportunidades: estudios sobre las raíces de la vulnerabilidad social en Uruguay**. CEPAL, UNDP, Montevideo. 1999. P. 67-94.

KATZMAN, Ruben. **Seducidos y abandonados: el aislamiento Social de los pobres urbanos**. CEPAL, nº75, Dez/2001. Versão não editada

PRETECEILLE, Edmond. **A construção social da segregação urbana. Espaço e Debates 45 (segregações urbanas)**. São Paulo, v.24n.45,jan-jul 2004 p.11-23.

RIBEIRO, Luiz César. “**A metrópole: entre a coesão e a fragmentação e o conflito**. In. Ribeiro, Luiz César (Coord). **Metrópoles**. Rio de Janeiro, 2004.

RIBEIRO, Luiz César. **Segregação Residencial e Mercado de Trabalho nos Grandes Espaços Urbanos Brasileiros**: São Paulo, Rio de Janeiro, Belo Horizonte, Porto Alegre, Curitiba, Salvador, Recife, Fortaleza, Brasília, Belém, Manaus, Campinas, Goiânia, Florianópolis, Vitória, Natal e Maringá. Observatório das Metrôpoles. São Paulo, IPPUR/FASE, 2009.

RIBEIRO. **A cidade, as classes e a política: uma nova questão urbana brasileira?**. OLIVEIRA, Lúcia Lippi (org.). **Cidade: história e desafios**. Rio de Janeiro: FGV, 2002. p. 84-105.

SILVA, A. F. C. DEPOIS DAS FRONTEIRAS: **A formação dos espaços de pobreza na periferia Norte de Natal – RN**. 2003. 11 p. Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal.